



Teleconferência - 15/05/15

OPERADORA: Bom dia a todos. Obrigada por aguardarem. Sejam bem vindos à teleconferência do Banco do Brasil para discussão dos resultados referentes ao 1T15. Conosco hoje estão os senhores José Maurício Pereira Coelho, Vice-Presidente de Gestão Financeira e de Relações com Investidores, e Bernardo Rothe, Gerente Geral de Relações com Investidores do Banco do Brasil.

Informamos que este evento está sendo gravado e que todos os participantes estarão apenas ouvindo a teleconferência durante a apresentação do Banco do Brasil. Em seguida, iniciaremos a sessão de perguntas e respostas, quando mais instruções serão fornecidas.

Caso algum dos senhores necessite de alguma assistência durante a teleconferência queiram, por favor, solicitar a ajuda de um operador digitando *0. Este evento também está sendo transmitido simultaneamente pela internet, via webcast, podendo ser acessado no endereço www.bb.com.br/ri, onde se encontra disponível a respectiva apresentação. A seleção dos slides será controlada pelos senhores. Lembramos que os participantes poderão fazer perguntas para os executivos do Banco do Brasil, que serão respondidas na sessão de Perguntas e Respostas ou por e-mail.

Antes de prosseguir, gostaria de esclarecer que esta apresentação faz referências e declarações sobre expectativas, sinergias planejadas, estimativas de crescimento, projeções de resultados e estratégias futuras sobre o Banco do Brasil, suas subsidiárias, coligadas e controladas. Essas expectativas são altamente dependentes das condições do mercado, do desempenho econômico geral do país, do setor e dos mercados



internacionais. O Banco do Brasil não se responsabiliza em atualizar qualquer estimativa contida nesta apresentação.

Gostaria, agora, de passar a palavra ao Sr. Bernardo Rothe, Gerente Geral de RI, que iniciará a apresentação. Por favor, Sr. Bernardo, queira prosseguir.

SR. BERNARDO: Obrigado. Bom dia a todos. Eu gostaria de começar com o slide 3, onde a gente vai apresentar os destaques do Banco no 1T2015. O lucro líquido ajustado foi de R\$ 3,0 bilhões no 1T, crescimento de 24,2% na comparação com o 1T2014. A nossa margem financeira cresceu 17,6% na mesma comparação. Rendas de tarifas cresceram 9,9% e as despesas administrativas cresceram 6,4% na mesma comparação com o 1T2014.

No slide seguinte, gostaria de destacar o crescimento da margem financeira bruta no ano, 17,6%, acima do nosso guidance de 14 a 17. Também, como mencionado no slide anterior, o crescimento de 9,9 no ano em renda de tarifas, acima do nosso guidance de 3,6%. As nossas despesas, como comentado também, tiveram crescimento abaixo da inflação e dentro do guidance e no final você tem o lucro completo do Banco em R\$ 5,818 bilhões tem impacto aqui de itens extraordinários que a gente vai detalhar depois.

No slide seguinte, nós apresentamos o resultado em mais detalhes ao longo dos trimestres. R\$ 3,25 bilhões, crescimento de 24,2 no 1T e isso também comparado com o PL ajustado que teve um crescimento bastante expressivo com a incorporação dos resultados da transação com a Cielo e a criação da empresa Cateno e também a incorporação do instrumento híbrido de capital e dívida, que elevou bastante o nosso PL já no 4T e também no 1T. Então, por



conta disso, o PL ajustado, apesar do crescimento no lucro líquido ajustado, ficou em 14, o retorno sobre o PL ficou em 14,5%.

Passando para o slide seguinte, onde a gente descreve as fontes e usos do Banco do Brasil, gostaria de destacar a melhora na relação entre a carteira de crédito líquida e a captação comercial, que foi de 92,1 para 91,9. Temos também um crescimento expressivo de LCA e LCI, de 34,3% e 136,4% respectivamente, dando continuidade à estratégia do Banco no mix para funding mais barato. Nosso custo de captação versus a taxa Selic passou de 79,7 no 1T14 para 67,6 no 1T15.

No slide número 7, apresentamos aqui a evolução da margem financeira e spread global, então o aumento do spread global de 4,1 no 1T para 4,4 no 1T2015, e um crescimento como já falado, de 17,6 na margem, com destaque para as receitas de operações de crédito de 14,8, e de tesouraria de 37,5. A carteira de crédito ampliada continuou crescendo. Cresceu 11,1 nesse 1T na comparação de 12 meses e o marketshare do Banco acabou em 20,8% em março de 2015, uma manutenção da pequena variação na margem.

No slide 9, a gente apresenta para vocês como está a contratação por período, ou seja, como está, o que representa as contratações de 2015 na nossa carteira. Então, temos aí 7,2% do total da carteira já do 1T15, 2014 representando 33,9% da carteira. Na carteira pessoa física orgânica, destaque nosso como sempre é a concentração nas linhas de menor risco, como o imobiliário e o consignado, que aumentaram a sua participação na carteira total, num processo contínuo, uma elevação de 110 b.p.



No slide seguinte, destaca também o crescimento das linhas de menor risco, com crédito consignado crescendo 4,1%, manutenção de 25,0% de participação de mercado e a nossa carteira orgânica é concentrada em clientes de menor risco, como vocês podem notar, 88,5% de servidores públicos, 7,8% são aposentados. O restante são funcionários do setor privado. No crédito imobiliário, um grande destaque nosso, teve crescimento de 14,49,1% em 12 meses, chegando a R\$ 41,0 bilhões de estoque, um crescimento na pessoa física de 45,5, na pessoa jurídica de 60,5% em 12 meses. Por outro lado, a carteira orgânica tem apresentado uma redução de participação, com decréscimo ao longo do tempo, mas é importante destacar a concentração de clientes que tem mais de 5 anos de relacionamento com o Banco, chegando acima de 85,0% da carteira.

No slide 12, nós temos a carteira de pessoa jurídica ampliada, que teve um crescimento de 11,0% em relação ao 1T do ano passado, ficando no topo do guidance, que é de 7 a 11. Esse crescimento foi mais concentrado em algumas linhas específicas como crédito imobiliário e investimento, mas tem tido uma performance bastante interessante. Carteira de pessoa jurídica ampliada, agora discriminando pelo porte, apresentamos as micro e pequenas empresas, elas tiveram um crescimento de apenas de 0,1% em 12 meses e as médias e grandes empresas representaram 15,8% desse crescimento. Com relação ainda às MPEs, vale destacar o crescimento da participação dos instrumentos de garantia, FGO e o FAMP, que é um tipo de seguro de crédito, que cresceram 13,3%, bem acima do crescimento da carteira, ou seja, um aumento da penetração na nossa base de clientes micro e pequenas empresas. No quadro abaixo, nós destacamos também o tempo de relacionamento dessas MPEs com o banco, onde a gente demonstra que está



aumentando a participação no portfólio das empresas que tem mais de 2 anos de relacionamento com o banco.

No slide 14, apresentamos a carteira de agronegócio, um crescimento de 9,0%. Esse crescimento abaixo do que a gente tem de guidance, está explicado principalmente pela redução na participação de pessoa jurídica e do segmento agroindustrial. Pessoa física cresceu 18,2% em 12 meses e o crédito rural cresceu 15,8%. O uso de mitigadores continua acima da média, da metade da carteira, o que demonstra a nossa preocupação constante de usar mitigadores de risco e reduzir o risco da carteira como um todo.

No slide 15, a qualidade da carteira continua melhor que a do sistema financeiro nacional. O risco médio nosso está em 3,92, um crescimento em relação a março de 2014 e a cobertura de 90 dias do INAD acima de 90 dias superou 200,0% nesse trimestre passando para 201,58, bastante acima do que apresenta o sistema financeiro.

A inadimplência da carteira, no slide 16, como vocês podem notar, continua também abaixo do sistema financeiro nacional, bastante estável, com 2,05 e a inadimplência somente do Banco do Brasil, sem o BV, sem o Banco Votorantim, também está estável em 1,84. A inadimplência de 15 dias teve uma pequena variação nesse trimestre, principalmente na carteira de pessoa jurídica, mas a inadimplência 90 dias por segmento, como vocês podem notar, teve uma redução pequena em pessoa jurídica, e em pessoa física, e um pequeno incremento no agronegócio. No nosso entendimento, é mais um, demonstra a nossa estabilidade.



No slide 17, a formação da inadimplência, que a gente apresenta o índice de formação da inadimplência, como vocês podem notar ao longo do tempo, apesar do pequeno incremento de dezembro para março de 2015, ele é estável na linha do tempo, variando em torno de 0,70. Então, os números demonstram ao longo do tempo, desde 2013, a gente mantém essa estabilidade em torno do 0,70, apresentando também o número de 0,70 neste trimestre de 2015.

No slide seguinte, apresentamos a carteira de crédito e a PCLD, provisão para devedores duvidosos. A carteira 12 meses com 3,06 a despesa de PCLD em relação à carteira, um incremento em relação ao trimestre anterior. Em 3 meses, 0,87, um pequeno incremento em relação ao apresentado no trimestre anterior. De qualquer forma, a carteira de crédito classificada se mantém num nível de risco bastante bom, teve um crescimento de 11,0%, a maior parte desse crescimento está concentrado nas linhas de AA a C.

Seguindo para o slide 19, apresentamos agora a renda de tarifas e a performance de cada item. Vale lembrar que na parte de cartão de crédito e débito a gente já tem 1 mês a menos de intercâmbio completo no Banco do Brasil por conta da joint venture firmada com a Cielo para criar a empresa Catena. Que a gente já tem 1 mês a menos de resultado completo, do intercâmbio já está afetando. Podemos destacar também a conta corrente com crescimento de 6,3%, em 12 meses. A administração de fundos com 15,0% de crescimento, arrecadações 14,2%, mercado de capitais com quase 80,0%.

No slide seguinte, slide 20, a performance da BB Seguridade. Vocês já tiveram a oportunidade de ver isso na semana passada com a divulgação da



empresa, um lucro ajustado crescendo 46,3% para quase R\$ 1,0 bilhão e a gente mantém participação de mercado relevante nos diversos segmentos com os produtos da nossa empresa que atua no ramo de seguros.

No slide 21, apresentamos a performance do Banco Votorantim, que vem já há 6 trimestres apresentando lucro e revertendo a situação anterior. Teve nesse trimestre atual R\$ 122,0 milhões de resultado no 1T. A produção e a inadimplência que pode ser vista no quadro à esquerda, embaixo. Índice de inadimplência caindo de 7,2% em 2013 para 5,1% em 2015 no 1T. E a carteira por safra também está representado no quadro à direita, demonstrando aqui que boa parte da carteira hoje já é contratada após setembro de 2011, é uma carteira de maior qualidade.

No slide 22, nós mostramos a performance do segmento de cartões, com lucro líquido crescendo 13,6% em 12 meses para R\$ 544,0 milhões. E o faturamento crescendo 7,2%, atingindo R\$ 58,1 bilhões no 1T2015.

No slide seguinte, apresentamos as despesas administrativas e a eficiência. Nós temos conseguido melhorar a eficiência do Banco ao longo dos trimestres chegando a 42,5 nesse trimestre de 2015 e um crescimento das despesas dentro do guidance.

Por fim, no slide 24, a gente apresenta a performance do nosso índice de Basileia, que se mantém bem acima do nível mínimo requerido. Apresentando ainda no quadro que seria a aplicação de 100,0% de ajuste de implementação da Basileia III calculado sobre março de 2015, então esse índice de Basileia chegaria a 15,45 e o nível I em 10,75.



No slide 25, nós temos os guidances do Banco e o realizado no 1T2015. Como vocês podem ver, a gente superou o guidance da margem financeira bruta, um guidance de 9 a 13 e chegamos a 17,6. Superamos em renda de tarifas, era de 3 a 6 pra 9,9 e não atingimos apenas o agronegócio, que era de 10 a 14 e tivemos crescimento de 9,0%. De novo explicado pela redução da participação do agroindustrial na carteira em relação ao que a gente tinha previsto. Lembrando que o nosso guidance é para o ano inteiro de 2015, então entendemos que o guidance, do jeito que está apresentando aqui continua valendo perfeito, não há alterações a serem realizadas.

Encerrando a apresentação, eu gostaria agora de abrir para Perguntas e Respostas. Obrigado.

OPERADORA – Senhoras e senhores, iniciaremos agora a sessão de perguntas e respostas. Para fazer uma pergunta, por favor, digitem *1.

OPERADORA – O senhor Eduardo Rossmann, do Banco BTG Pactual gostaria de fazer uma pergunta.

ROSSMANN – Oi, bom dia a todos. Tenho 2 perguntas. A primeira é sobre a margem financeira. Apesar da boa evolução da margem financeira no trimestre, tanto que vocês ficaram acima do guidance, a gente viu que o spread de crédito caiu no trimestre. Eu sei que podem ter fatores sazonais aí, pode ter influenciado a margem, mas mesmo assim ela cresceu menos do que os dos seus pares privados. Então, eu gostaria de saber se vocês poderiam elaborar um pouco, explicar se vocês acham que ela volta a subir nos próximos trimestres. E a segunda pergunta é sobre a alíquota de imposto do Banco. A gente tem visto já há alguns trimestres a alíquota tem ficado mais



próximo dos 20,0%, um patamar baixo, se comparado com o passado do Banco, e com seus peers privados. Eu sei que tem fatores de JCP, migração para empresas não financeiras, mas mesmo assim a alíquota parece baixa ainda. Será que vocês podem explicar os motivos por trás dessa taxa mais baixa? E também, olhando pra frente, qual deveria ser uma alíquota mais recorrente? Obrigado.

BERNARDO – Obrigado, Rossmann, pelas perguntas. Começando pela margem financeira, gostaria de destacar no slide 7 a gente divide já, inclusive, vocês vão notar que no MD&A a gente fez uma quebra ainda maior da margem financeira, dando destaque para os componentes de cada um dos itens que estão na apresentação na página 7. A gente tem também, nos anexos da apresentação, essa discriminação de todos esses itens. Mas falando especificamente das receitas financeiras com operações de crédito, nosso crescimento foi de 14.8. Esse 14,8 acima do nosso guidance, eu não vou falar dos concorrentes, sem dúvida nenhuma não comento os concorrentes, é um crescimento expressivo e tem que ser levado em consideração a nossa estratégia contínua de manter a nossa exposição em linhas de menor risco. Essas linhas de menor risco, sem dúvida nenhuma, tem retornos menores que as linhas de maior risco. Como eu demonstrei, a gente vai aumentando ainda mais a concentração nesse tipo de negócio. Então, o efeito mix é o que impede de a gente ter um crescimento da margem semelhante ao dos pares. Até um dos pares teve um crescimento menor porque também adotou claramente essa estratégia de busca de mix, uma carteira de menor risco. Então, sem dúvida nenhuma, pode ter certeza que essa margem a gente está reprecificando todos os nossos produtos. Aí, tudo o que a gente faz sai no jornal e vocês podem acompanhar, dá para acompanhar pelas informações do Banco Central, estamos reprecificando



todos os produtos mas continuamos migrando o que é possível das linhas de maior risco para as linhas de menor risco. Então, isso impacta de alguma forma o crescimento maior na margem da receita financeira com operações de crédito. Isso impacta também de uma forma, o spread que na nossa visão de spread global, ele ficou estável, crescente relação 1T14, como no slide 7 a gente apresenta à esquerda, e estável em relação ao próprio trimestre. De novo, é o efeito mix que explica isso mas a gente tem bastante certeza que é a estratégia mais adequada de longo prazo que vai trazer mais valor para os acionistas no longo prazo e que isso vai manter um crescimento interessante ao longo dos outros trimestres desse ano. Com relação à questão do IR, eu posso adiantar para vocês que o nosso, nossa base estrutural do Banco realmente é um número baixo, muito explicado pelos juros sobre capital próprio, sem dúvida nenhuma. Nossa base para cálculo do que é possível pagar em juros sobre capital próprio vem crescendo bastante e a TJLP cresceu também. Isso gera um crédito fiscal importante que abaixa a taxa como um todo. Você mencionou também a migração para, de resultados para empresas não financeiras, que tem uma redução de IR como um todo. Isso também tem impactado o nosso, a base, o que seria alíquota estrutural do Banco do Brasil de imposto. Então, dentro desse contexto, para este ano, vocês podem esperar que a taxa deve ficar por volta de 20,0 a 23,0%. Essa é a taxa que a gente espera para o resto do ano. Especificamente nesse trimestre, que ficou em 18,7, tem o efeito aqui de uma receita não tributável vindo da exposição cambial que a gente tem no Banco Patagônia. Como o Banco Patagônia é uma exposição em peso argentino, que a gente fica passivo em real, essa diferença é muito difícil fazer esse hedge por conta de questões de falta de liquidez no instrumento em peso argentino, então a gente tem a decisão de manter, a única exposição que a gente tem, mas essa está exposta, equivale a US\$ 450,0 milhões, isso gerou no 1T um ganho não



tributável. Esse ganho não tributável então impactou nossa taxa de imposto também, reduzindo ela abaixo dos 20,0% que eu te falei, para 18,7%.

ROSSMANN – Muito obrigado.

OPERADORA: Por favor, Sr. Francisco Costa, pode prosseguir.

COSTA: Bom dia a todos. Também tenho duas perguntas. Uma é sobre provisão e qualidade de crédito. Embora a inadimplência de 90 dias de vocês tenha ficado estável, a inadimplência mais nova, principalmente a de 15 dias aumentou bem forte e acho que na pessoa física tem esse efeito sazonal, natural do 1T, sempre vem um pouco mais forte, mas a gente notou que aumentou também na pessoa jurídica. A minha pergunta aqui é a seguinte: vocês acham que essa inadimplência, principalmente essa vinda de PJ, mais nova, ela deve evoluir para os níveis de 90 dias para os próximos trimestres e com isso aproveitando o movimento que vocês fizeram aí na parte da letras, a gente viu que aumentou, o que mais aumentou foram as letras intermediárias, D, E, enfim. Esses casos, à medida que eles forem evoluindo, se eles podem ir para G e H e com isso a gente ter mais uma vez uma provisão forte aí no 2T. Depois eu faço a minha segunda pergunta.

BERNARDO – Obrigado, Costa. Bem, falando da inadimplência de 15 dias, a gente sempre fala que essa é uma inadimplência que é bastante nervosa, ela não necessariamente vira uma inadimplência de 60, 90 dias. Ela reage às volatilidades do mercado e sempre o 1T é sazonalmente pior e tem demonstrado isso ao longo dos anos. E olhando o nosso histórico de inadimplência, comparar com o INAD 90, em alguns momentos até a correlação, além de ser baixa, alguns momentos pode até ser negativo.



Então, não necessariamente quem está nos 15 dias hoje vira INAD90. O que o banco faz é trabalhar fortemente, desde o primeiro dia de inadimplência, para manter tudo sob controle. Então, nossa inadimplência está sob controle, a gente está atuando e temos uma atuação forte nesse índice para evitar que ele se transforme na INAD60 E INAD90, o que justifica nossa estabilidade no INAD90 ao longo da série longa histórica que é bastante baixa em relação ao que é o mercado. Com relação ao aumento de risco, eu posso te adiantar é que não necessariamente esses aumentos da classificação de risco estão relacionados à inadimplência. Apenas o Banco é um conservador e ele tem feito, atuado, se precavido, fazendo agravamento de alguns riscos que a gente entende necessário e isso já se refletiu nesse trimestre. Então isso vale para qualquer segmento, mesmo que o cliente está adimplente, tem perspectiva nenhuma de virar inadimplente mas, se por acaso, ele entrou no SERASA, deixou de pagar um ticket, isso já automaticamente se reflete nas nossas metodologias e levam ao agravamento do risco. Por exemplo, isso que aconteceu na carteira de agronegócio.

COSTA – Entendi. Perfeito. Minha segunda pergunta é bem rápida. Só, acho que vocês falaram aí sobre a questão do spread de crédito, realmente o grande responsável talvez por mais uma queda no spread de crédito foi o mix. Qual que é o efeito de menores dias úteis no 1T em relação ao 4T nesse cálculo da margem de crédito? Se pudesse dar um pouquinho mais de detalhe. Obrigado.

BERNARDO – Menores dias úteis no trimestre afetam o volume total de recebidos, sem dúvida nenhuma, principalmente pessoa jurídica, que tem a maior parte das suas taxas relacionadas a dia útil. Mas para mais detalhes eu peço que você entre em contato com a minha equipe que eles podem, depois,



explorar isso com você indo no detalhe, OK?

COSTA – Obrigado.

OPERADORA – O senhor Daniel Magalhães, do Credit Suisse, gostaria de fazer uma pergunta.

MAGALHÃES – bom dia. Obrigado pela oportunidade. Eu tenho duas perguntas. A primeira, na verdade, é um follow up de uma pergunta anterior. A gente viu aí esse desenvolvimento, essa evolução muito forte na margem do BB, até sendo superior à evolução dos peers, e eu estava imaginando, acho que teve impacto positivo da inflação na margem, e também do Banco Patagônia, desse investimento que vocês já mencionaram. Eu queria entender um pouco mais como foi cada um desses efeitos na margem. E para a segunda pergunta: a gente viu que houve uma redução significativa no trimestre, no valor líquido das outras receitas e despesas operacionais. Eu queria entender um pouco melhor as razões por trás disso e qual seria a sustentabilidade dessa melhora pra frente. Obrigado.

BERNARDO – OK. A inflação, o aumento da inflação, pode, melhorou alguns resultados na tesouraria, em alguns ativos, mas a nossa exposição à inflação é baixa, tá? Se você olhar o capítulo 9 do MD&A a gente tem uns quadros demonstrando qual é a nossa exposição para cada índice. Ela é uma exposição baixa, tem uma parcela que é relevante, que é os valores que a gente tem a receber da Previ, que corresponde a R\$ 8,0 bilhões e pouco. Isso está vinculado ao INPC, então tem um impacto positivo, sem dúvida nenhuma, da inflação. O impacto total, a exposição total ao índice de preços é de R\$ 12,2 bilhões. Não é nada muito grande, mas tem esse impacto positivo



que está refletido no resultado de tesouraria. O Patagônia, o ganho financeiro, o ganho, o investimento no exterior no Patagônia também está dentro do resultado da tesouraria e nos quadros que a gente tem no MD&A, e também na apresentação no slide 30, a gente dá alguns destaques de onde saíram esses ganhos, então você pode verificar se vai estar a variação cambial vai estar dentro de outros componentes de tesouraria. Para os próximos trimestres, a gente provavelmente no 3T, talvez ainda no 2T, a gente ainda vai abrir um pouquinho mais essas informações e ampliar ainda mais a informação que vocês vão receber sobre isso. Então, inflação tem impacto, a exposição é pequena, não é muito grande, é os R\$ 12,2 bi que eu te falei e na questão do Patagônia a posição são R\$ 440,0 milhões que está exposto lá e esse impacto realmente é positivo e vem no resultado de tesouraria. Sobre as despesas, sem dúvida nenhuma, em um ano com a inflação crescendo, manter despesas administrativas sob controle é um desafio. Mas nosso guidance continua valendo. A gente trabalha fortemente para manter tudo dentro do guidance, apesar do nosso guidance ser um pouco inferior à inflação prevista para esse ano. Não é algo simples, mas faz parte do nosso esforço para esse ano manter tudo sob controle e a gente acredita que o guidance é válido, continua e a gente vai se esforçar para entregá-lo.

MAGALHÃES – Obrigado, Bernardo. Só um follow-up aqui. Imagino que o guidance de vocês contempla mais o core pack, né? Despesas de pessoal e administrativas. Eu queria saber se você pode elaborar um pouco na parte das outras receitas e despesas operacionais, que foram as que diminuíram bastante nesse trimestre, né?

BERNARDO – Você tem no MD&A um detalhamento maior disso. Isso aí não é tanto redução de outras despesas operacionais mas também aumento de



outras receitas operacionais que no final o mix deu uma redução. Tem que lembrar que a Cateno gerou transferência de despesas operacionais para a nova empresa. Então tem outros efeitos aqui. Mas esses maiores detalhes você pode, a minha equipe pode entrar em detalhe com você e passar ponto-a-ponto porque seria uma resposta um pouco longa demais.

MAGALHÃES – Está OK. Muito obrigado.

OPERADORA – O senhor Domingos Falavina, do JPMorgan, gostaria de fazer uma pergunta.

FALAVINA – Bom dia, a todos. É o seguinte, a minha dúvida na verdade tange à qualidade da carteira. Me chamou um pouco a atenção foi a carteira de agronegócios, que a carteira D-H piorou muito. Por que vocês acreditam que se deu isso?

BERNARDO – Bem, ela não piorou muito. O que a gente entende, o que aconteceu aqui, eu comentei na resposta anterior. A gente tem a pró-atividade de olhar o cliente e ver como ele está se comportando. E mesmo sem ter inadimplência e sem ter perspectiva ser inadimplente, se a gente entende que é adequado piorar o risco do cliente a gente piora o risco do cliente. Isso aconteceu no agronegócio. Por exemplo, de novo, teve alguma coisa e entrou no SERASA, o cliente está adimplente, vai pagar, mas a gente aumenta o risco do cliente por conta disso. É quase automático. Então, não tem uma piora na carteira, a inadimplência do agronegócio continua muito baixo. O que teve de variação de risco aí é pontual e não vemos nada de preocupante nesse segmento do nosso negócio.



FALAVINA – Está certo. Um follow up que eu não sei se já foi mencionado, mas na na parte de margem, não na do cliente, que ouvi comentários, mas na parte de tesouraria veio um resultado forte também. Você poderia explicar um pouquinho também o que puxou o resultado?

BERNARDO – Eu comentei dois efeitos: a inflação, sem dúvida nenhuma, que já foi perguntado, tem um efeito na margem da tesouraria. Tem o impacto da exposição do Patagônia e tem também o resultado do crescimento da SELIC, crescimento dos volumes aplicados, isso tem impactado positivamente o resultado como um todo.

FALAVINA – Tá. O patagônia eu achei que fosse mais em relação à taxa efetiva de imposto. Quer dizer que ele pega o NII também, pega a tesouraria também?

BERNARDO – Sim. O resultado, o investimento no exterior impacta a tesouraria, bem como o hedge. Como tem uma posição não hedgeada, fica dentro do resultado da tesouraria.

FALAVINA – Está certo. Obrigado.

OPERADORA – O senhor Felipe Salomão, do Morgan Stanley, gostaria de fazer uma pergunta.

SALOMÃO – Bom dia Bernardo e demais participantes, obrigado pela oportunidade. Na verdade, são duas perguntas. A primeira pergunta é com relação às receitas de equalização, que vieram muito fortes nesse trimestre, né? Elas subiram 15,0% versus o 4T e 50,0% versus o 1T do ano anterior.



Tem algum motivo que explica esse aumento, além da SELIC mais alta? Quer dizer, alguma coisa mudou ou está tudo igual, ela é simplesmente SELIC? Eu faço essa pergunta porque o saldo de concessões de crédito Proagro cresceu em patamares inferiores, e ficou praticamente flat versus o 4T e cresceu 10,0%. Enquanto teve esse aumento bem relevante em receitas de equalização. Se vocês pudessem dar um pouquinho mais de cor do que aconteceu no trimestre, eu agradeço muito. Depois eu faço minha segunda pergunta. Obrigado.

BERNARDO – OK, Felipe, obrigado. Sobre receitas de equalização, são 3 efeitos. Os valores equalizáveis estão crescendo. A gente divulga quais são os valores equalizados da nossa carteira de agronegócio. Então eles estão crescendo, geram mais equalização. O valor a receber do tesouro cresceu, então ele também gera mais resultados da PMF aplicada sobre esses valores a receber e a PMF cresceu. Então, esses são os 3 fatores que justificam esse crescimento da receita de equalização.

SALOMÃO – Perfeito, Bernardo. Obrigado. A segunda pergunta é com relação ao guidance de PCLD. O número terminou o trimestre em 3,1%, que é perto do high-range que vocês anunciaram para 2015, de 3,7 a 3,1. Como é que a PCLD deve se comportar ao longo dos próximos trimestres? Vocês esperam uma migração para o meio do guidance ou ela deve ficar em patamares mais próximos do guidance, de 2,7 a 3,1? obrigado.

BERNARDO – Bem, o guidance representa as nossas projeções de PCLD para o ano. Então, eu gostaria de entender o 3,06, quase no topo, arredondando é o topo, mas nas nossa projeções, o que a gente tem de projeções indicam que o guidance está adequado e ele vai ser mantido.



SALOMÃO – Está bom, muito obrigado.

OPERADORA: O senhor Eduardo Nishio, do Brasil Plural, gostaria de fazer uma pergunta.

NISHIO – Oi pessoal, bom dia José Maurício, Bernardo, Eduardo. Obrigado pela oportunidade. Eu tenho duas perguntas. A primeira é um follow up das perguntas anteriores, em relação à provisão e à qualidade dos ativos. Muitos dos seus pares aproveitaram esse trimestre, as receitas, a reprecificação do portfólio, receitas mais fortes para fazer as provisões de um caráter antecipatório para um cenário macroeconômico pior. Eu queria saber de forma qualitativa se vocês também fizeram esse aumento de provisão agora no 1T com essa visão, um caráter um pouco mais conservador e antecipatório de um cenário macro pior. E se vocês pudessem também, de forma qualitativa, falar um pouquinho do 1T em relação à situação macro. Se foi um pouco pior do que vocês esperavam e por isso que vocês estão fazendo talvez uma provisão um pouco mais forte agora no 1T. Aí depois eu faço a minha segunda pergunta. Obrigado.

BERNARDO – OK, Nishio, obrigado pela pergunta. Falando de provisão, a gente não fez provisão adicional. A nossa atuação é conservadora olhando a carteira como um todo, entendendo onde estão os riscos e, quando necessário fazendo o agravamento de risco. Então, a ideia de fazer provisão adicional e dizer que a carteira está igual a como estava antes a gente trabalhou na carteira e não fez provisão adicional. Então, de novo, a gente fez agravamento de risco de empresa adimplentes, sem perspectiva de ficarem inadimplente no curto prazo ou no médio e longo prazo. Então, essa mudança já é o nosso conservadorismo aplicado diretamente no risco dos clientes.



Então, tem o agravamento de risco, isso foi feito e a gente não entende que seja necessário fazer uma provisão adicional até porque a gente já tem R\$ 1,5 bi de provisão adicional e a nossa cobertura é a maior do mercado. Sobre o cenário, de novo, quando a gente olha a carteira para fazer o agravamento, o cenário é levado em consideração. Então, o cenário que a gente tem desde o ano passado tem influenciado no que a gente tem feito em relação à nossa carteira e a qualidade da nossa carteira continua bastante boa, mas a gente toma ação preventiva e conservadora quando necessário.

NISHIO – Perfeito. Você diria que o cenário antes do 1T acontecer era um pouco melhor ou pior do que realmente o ocorrido?

BERNARDO – O cenário já era desafiador e continua desafiador.

NISHIO – Perfeito. Agora, a minha segunda pergunta é em relação à margem. Vocês estão rodando bem acima do guidance, vocês ainda tem uma boa parte da carteira a ser reprecificada nos próximos trimestres. Eu queria saber: mesmo excluindo essa tesouraria mais forte se vocês conseguem rodar no top do guidance ou até um pouco acima dele até o final do ano nessa linha de margem bruta. Obrigado.

BERNARDO – Olha, a margem, a gente não alterou o guidance. A gente acha que tem perspectivas positivas ao longo do ano, mas é muito cedo para fazer qualquer coisa em relação ao guidance. Então, a margem a gente vê, de novo, efeitos positivos pra frente com perspectiva de melhora no spread mas nós não vamos mexer no guidance de margem não, OK?

NISHIO – Tá bom, obrigado.



OPERADORA – A senhora Carla Mendes, da agência CML Financial gostaria de fazer uma pergunta.

CARLA – Bom dia. A Minha pergunta, na verdade, eu queria saber um pouquinho em relação a um acordo que foi anunciado recentemente junto com a parceria com os correios para lançar um novo modelo de Banco Postal. Eu gostaria de saber se o Banco poderia dar mais informações em relação a isso, por favor.

BERNARDO – OK, Carla, obrigado pela pergunta. O Banco Postal, o banco está atuando, tem atuado o Banco Postal é um dos canais que o Banco utiliza para servir aos seus clientes. Com relação ao que foi anunciado no ano passado, essa parceria com os Correios está sendo discutido com aquela empresa e a gente está preparando e poderemos, assim que a gente tiver uma informação mais concreta a gente volta a avisar a todos no mercado. Mas estamos todos em negociações com os Correios para conclusão da parceria que foi anunciada.

JOSÉ MAURÍCIO – Importante ressaltar que a produção do canal Correios continua ocorrendo independente da negociação que está sendo feita em paralelo.

CARLA – Tem alguma previsão de quando vai ser feito esse anúncio desse novo modelo?

JOSÉ MAURÍCIO – Não, a gente não tem previsão. As negociações seguem caminhando, são negociações complexas e a gente não tem uma previsão.



CARLA – Tá bom, obrigada.

OPERADORA – O senhor Tiago Batista, do Itaú BBA, gostaria de fazer uma pergunta.

BATISTA – oi pessoal, bom dia. Tem uma pergunta só que faltou aqui. Sobre demandas sobre contingentes. Vocês focaram como one-off quase R\$ 560,0 milhões no 1T com provisões extraordinárias, com demandas contingentes. Poderiam falar um pouquinho mais sobre essa provisão?

BERNARDO – Tiago, o que a gente teve no extraordinários, de R\$ 558,0 milhões, foi uma provisão que a gente fez para evitar variações no resultado do Banco no futuro. A gente aproveitou o momento e fez isso. Não tem nenhuma razão, não tem nada específico, simplesmente destacando um valor para evitar variações futuras nessa parte.

WALTER – Tiago, uma outra questão. No final do ano de 2014 prescreveu uma ação coletiva do IDEC/DF, IDEC do Distrito Federal sobre planos econômicos. No final de uma ação longa como essa, é natural que haja um aumento de pedidos, né? só que o pedido entra em dezembro e você tem noção do que acontece a partir do semestre seguinte. Essa provisão veio com o objetivo exatamente de atender ao que o Bernardo colocou e consequentemente fazer frente a esse encerramento dessa ação coletiva.

BATISTA – OK, obrigado.

BERNARDO – é uma provisão recorrente.



BATISTA – OK.

OPERADORA – Encerramos neste momento a sessão de perguntas e respostas. Gostaria de passar a palavra ao senhor Bernardo Rothe para as considerações finais. Por favor, Sr. Bernardo, queira prosseguir.

BERNARDO – Agradeço a participação na nossa teleconferência e coloco a disposição de vocês o meu time. Qualquer dúvida remanescente, por favor, podem ligar para eles que estão preparados para ajudá-los. Muito obrigado.

OPERADORA – A teleconferência do Banco do Brasil está encerrada. Agradecemos a participação de todos e lembramos que o material utilizado nesta teleconferência está disponível no portal BB na página de Relações com Investidores. Agradecemos a participação de todos e tenham um bom dia.